

ENTREVISTADORA: Então, é entrevista da dia 22/09/2016, na casa do Doutor Romanelli, (trecho incompreensível), e eu gostaria de primeiro agradecer, né? Por o senhor ter nos recebido aqui.

ROMANELLI: Pois não, que isso. Eu não considero isso como um motivo de agradecimento. Isso é obrigação minha, não foi... O gosto que eu entrei nessa história, mas eu pertencço a essa história, de modo que é um dever meu (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Então são 4 perguntinhas mais pra esclarecer alguma coisa que eu não vi nas outras entrevistas, nos outros (trecho incompreensível), não é?

ROMANELLI: Perfeito.

ENTREVISTADORA: É, eu gostaria de saber, Doutor ROMANELLI, se você era ligado a alguma organização política na época em que atuou com os camponeses em Três Marias?

ROMANELLI: Bom, é uma excelente pergunta, porque vai esclarecer, me dá oportunidade de esclarecer várias coisas.

ENTREVISTADORA: Uhum.

ROMANELLI: Eu nunca fui, nunca pertenci, assim, organicamente à nenhuma, a nenhum partido ou organização política. A não ser uma faculdade, né? Quer dizer, as uniões estudantis. Mas na época que eu tendia entrar para o PTB – Partido Trabalhista Brasileiro. Mas o dia que eu cheguei lá e que eu vi quem era o presidente, eu botei o papel no bolsa e não. Ele não me inspirava confiança. Partido Comunista várias vezes quis me filiar. Eu também não quis.

ENTREVISTADORA: Uhum.

ROMANELLI: E houve um último, uma última tentativa de me filiar a um partido, que foi feita pelo Patrus Ananias quando prefeito de Belo Horizonte. Eu era procurador e inclusive chefiado pelo Edgar Amorim, que era o Procurador Chefe, e o Patrus um dia mandou me chamar no gabinete dele, que ele estava para sair, estava terminando o mandato dele, e ele falou “Mande te chamar porque estou com a sua ficha aqui, você sempre esteve do nosso lado, sendo, entrando. Inclusive até subir palanques (trecho incompreensível), até (trecho incompreensível) às vezes financiar campanha etc., mas você nunca foi do partido. Então você sempre esteve conosco, eu quero agora que você, ao filius bonus. Eu trouxe sua ficha aqui e eu faço questão de ser seu padrinho para entrar no PT.” Eu virei para ele e falei assim “Patrus, vai me desculpar mas eu não vou entrar, não. Porque, porque eu estive num seminário.” Patrus, “o quê que tem a ver seminário com isso aqui?” “Não, é que no seminário eu aprendi uma coisa que se chama dogma. Por mais que a sua razão se rebele contra determinadas verdades que eles colocam como se fossem dogmas, você tem que aceitar, embora contra a sua razão. E você tem que aceitar, porque é

dogma. E partido político tem muito dogma, e principalmente o PT. Tem muito dogma. (Trecho incompreensível) partido também não. E sempre fui com o PT, sempre votei no PT, mas não, no partido mesmo, para ser militante mesmo, eu não quero não. E até bom, atualizando, não é? Eu acho hoje, por exemplo, continuo sem partido, nunca, continuo sem partido, mas sempre eu votei no PT. Votei no, vou falar no Presidente da República, votei no Lula, as duas vezes que ele foi candidato. Votei na Dilma as duas vezes, e eu me sinto traído pelo PT, não é? Porque não é o PT, o PT que, no qual eu votei sempre, não é esse PT que tá aí, embora reconhecendo que é exagero da mídia, mas realmente eu fui traído pelo partido. Não é esse o partido que eu sonhava com ele. Mas em tempo de liderança, se o Lula for candidato, eu voto no Lula mais uma vez. Por um motivo simples, é que foi, na minha vida política, o único Presidente da República ou o único, digamos, organização política que olhou pro porão. Ou seja, eles sempre olham para o 2º andar pra cima, né? O único partido, o único Governo que realmente olhou para o povo, benefício para o povo, terminava na coisa... A Lei das Domésticas, que eu considero quase como uma nova Lei Áurea, né? Que as domésticas em vez de ser coisa, passaram a ser empregado, e o patrão passou a ser empregador em vez de ser o senhor, né? Então, por causa disso, eu votaria no Lula, porque eu não vejo nenhum, nenhuma outra liderança no Brasil capaz de superá-lo.

ENTREVISTADORA: A segunda pergunta que ia fazer, de certa forma você já me respondeu. Se você era simpatizante de alguma organização política, mas àquela época, era época da, em Três Marias.

ROMANELLI: Sim. Mas engraçado, a pergunta vale ainda pelo seguinte, porque eu me lembro que quando as ligas camponesas saíram do papel.

ENTREVISTADORA: Uhum.

ROMANELLI: E começaram a aparecer, vários partidos tentaram, inclusive o Partido Comunista e querendo assumir a paternidade daquilo e tal, e eu sempre resisti. Eu sempre resisti. Eu achava que aquilo ali era superpartidário. Era um negócio assim. Eu via as ligas camponesas daquela época como há hoje assim, que era acima de qualquer organização partidária que eu conhecesse. Era uma questão de sobrevivência nacional. Eu via as ligas camponesas como a responsável pela reforma (trecho incompreensível) pela qual a gente luta, até hoje, não conseguimos até hoje. Lutar. Então eu diria, eu estou na linha da sua segunda pergunta, dizendo que embora ela caiba no primeira, não havia nenhuma organização política, embora o houvessem pessoas ligadas a mim, trabalhando comigo, ligadas a um, dois partidos, mas, digamos assim, a

liga bonesa é do PT, não. Isso aí nunca, eu nunca permiti que isso ocorresse. Ora, na medida das minhas forças, né?

ENTREVISTADORA: Iam 2 camponeses, as duas liderança das camponesas lá de Três Marias, que era o Raimundo e o Randolpho. Eles também não tinha obrigação...?

ROMANELLI: Não. Não. Nem o Randolpho, inclusive eles não tinham nem formação necessária que permitisse a eles optar por um partido. Era o tratamento em um partido.

ENTREVISTADORA: Entendi. A outra pergunta era se você se lembra se Nestor Vera chegou a ir em Três Marias? Porque teve, tem um documento do DOPS que eles mencionam que ele iria, mas não fala se foi ou não?

ROMANELLI: Não. Eu me lembro do Nestor, me lembro muito, admirava. As lutas dele nós nunca, assim, eu não vejo nenhuma ligação entre liga camponesa e Nestor. Não me lembro de visita dele, não posso afirmar, né? (Trecho incompreensível) que ele tenha ou não visitado...

ENTREVISTADORA: O Francisco Julião foi? Até...

ROMANELLI: Encontrei com o Francisco Julião algumas vezes em, em Belo Horizonte e ele ficou inclusive hospedado na minha casa, mas certa ocasião que ele estava aqui, claro, como líder, né? Nacional, mas não me lembro, inclusive, de ter levado o Julião à Três Marias.

ENTREVISTADORA: Sim.

ROMANELLI: Não me lembro.

ENTREVISTADORA: Você acha que as ligas camponesas de Três Maria, elas poderiam ter essa ligação direta com o Francisco Miguel, com a Lídia, ou era algo que não tinha, assim, uma, entre aspas, subordinação?

ROMANELLI: Diretamente não. Eu posso até, naquele livro, no primeiro livrinho de memórias (trecho incompreensível), eu conto até essa história. É que quando nós organizamos, ou tentamos, quando eu ganhei a ação no Tribunal permitindo que voltassem ao lugar as 14 famílias que haviam sido expulsas de lá, uma das coisas que me veio foi a mim não, foi ao grupo meu, né? Que era Antônio Lins, Antônio de Oliveira Lins, Doutor Antônio de Oliveira Lins. O Edgar Amorim, o pai, né? Faria, Antônio Faria Lopes, né? O... Hoje é um... Sociólogo internacional...

ENTREVISTADORA: (trecho incompreensível)?

ROMANELLI: Não. É o (trecho incompreensível) A gente o chamava de Jair (trecho incompreensível), a gente abrigou o nome dele. E nós chegamos à conclusão de que, se ele deixasse a turma lá, solta, eles iam lá e... E nos expulsariam com uma certa facilidade. Então a gente achou que era importante organizá-los de alguma maneira. Mas acontece que naquela

época não havia possibilidade de organizações sindicais rurais. A lei não permitia sindicatos rurais. Então não saímos pelo regime, saímos pelo Código Civil, associação dos civil dos camponeses Três Marias etc. É, levaria, né? Mas eu fiquei sabendo de notícia da existência dessas brigas, e aí eu conto que foi tomando conhecimento de como é que se formaram as ligas antigas, eu achei que era a forma juridicamente possível e mais efetiva de organização deles. Então, nessa época, nós, desse grupo ao que eu me referi, organizou as ligas camponesas de Minas Gerais, da qual eu fui o presidente, né? Então, respondendo concretamente à sua pergunta, reunião jurisdicional não havia nenhuma, dependência, nada, nada, nada. Apenas a gente aproveitou o nome e a ideia.

ENTREVISTADORA: Sim.

ROMANELLI: Que inspiraram a fundação das ligas camponesas em Pernambuco, se inspirou nessas, né?

ENTREVISTADORA: Entendi.

ROMANELLI: Pra dar nome. Mas nunca houve subordinação, nada.

ENTREVISTADORA: Tá.

ROMANELLI: Nem qualquer ligação. A única ligação que houve, assim mesmo esporádica, foi quando houve o primeiro congresso nacional aqui da, onde é hoje...

ENTREVISTADORA: Ali no centro de convenções?

ROMANELLI: Centro de convenções da secretaria de saúde na época, da secretaria de saúde.

ENTREVISTADORA: Aham.

ROMANELLI: Houve então o primeiro congresso. E dessa época, nós estivemos lá e colhemos etc., e como pessoal das ligas camponesas de Pernambuco.

ENTREVISTADORA: Deixa eu entender. Essas pessoas que você citou, o Lins, o Farias, não é? Vocês eram um grupo de amigos que tinham uma preocupação com esses camponeses de Três Marias ou era alguma outra coisa do tipo?

ROMANELLI: Na verdade éramos amigos. Não é? A maioria, a maioria deles, dos que eu citei, eram advogados e por isso eram meus amigos, de faculdade e tals. E que eu sabia que comungavam com as minhas ideias. As ideias de que era necessária iniciar uma reforma agrária, etc. e etc. E outros que aderiram à ideia, mas não tinha nada a ver, assim... A forma, o grupo se organizou em função da ideia.

ENTREVISTADORA: Tá, da reforma agrária?

ROMANELLI: Da reforma agrária e da liga, da fundação da liga camponesa, né?

ENTREVISTADORA: Uhum.

ROMANELLI: E aí eu coloco uma turma, ficou igual a nossa, foi a Polop. Política Popular, Polop. Era ligada, que ela depois foi mal vista, não é? Mas na época era Polop. Antônio Santos, não é? A mulher dele, que faleceu, Dônia Bambirra, Jaime Taques. É, e alguns outros que se uniram a nós.

ENTREVISTADORA: Certo.

ROMANELLI: Teve um que foi assassinado no Rio de Janeiro, filho até de um pastor protestante aqui. Na época era o Juarez. É, marido da Maria do Carmo Catan, que era Juarez. Há outros que também foi chacinados, (trecho incompreensível), o Beto, Alberto, Carlos Alberto, que foi assassinado lá na casa de Petrópolis. Foi denunciado, ele... Formando a Inês, a Inês Romeu e Dina Romeu, ele denunciou ele (trecho incompreensível) da casa da morte, em Petrópolis. O Juarez, Juarez não, o Carlos Alberto estava lá e foi trucidado lá, né? Também entrou nesse grupo nosso.

ENTREVISTADORA: (trecho incompreensível). E o Guido Rocha que ficou lá, né?

ROMANELLI: Guido, é claro. O Guido. Muito importante o Guido Rocha, filho, o pai dele inclusive era juiz de direito aqui em Belo Horizonte e tal. O Guido sofreu muito, foi exilado, tentou entrar na Bolívia. Entregaram o Guido pra Operação Bandeirantes. Bolivianos entregaram o Guido para a Operação Bandeirantes do famoso...

ENTREVISTADORA: Fleury?

ROMANELLI: Não, pior do que o Fleury, o Urca.

ENTREVISTADORA: Ah, o Urca.

ROMANELLI: É, Almirante Urca. Pior eu não digo, né? Porque era o chefe do...

ENTREVISTADORA: Uhum. É, a última pergunta é se você se lembra como que era a convivência das pessoas do PCB, PCB, (trecho incompreensível) e a AP. Porque pela, a minha pesquisa, todos esses partidos tinham alguém que...

ROMANELLI: Às vezes tinha vaga, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Até o Lins, né?

ROMANELLI: O Lins, o Lins era ligado, era ligado. Ele nunca pertenceu à AP, não. Mas era ligado. Ele era católico, não é?

ENTREVISTADORA: Tirando algumas pessoas que trabalhavam na Supra, que era ligado ao PT.

ROMANELLI: Bom, a Supra, o que aconteceu é o seguinte. Quando houve a Supra aqui, o Padre Lage, que então era deputado federal, conseguiu que o Antônio de Oliveira Lins fosse indicado como delegado da Supra aqui em Minas.

ENTREVISTADORA: Sim, aham.

ROMANELLI: E o Lins foi, durante algum tempo, delegado da Supra aqui em Minas.

ENTREVISTADORA: Sim, aham. E você se lembra se, um pouco, parece, né? Que essas, você já falou, que essas pessoas, elas tinham essa causa em comum que era da reforma agrária, não é?

ROMANELLI: Sim, sim.

ENTREVISTADORA: E o que eu percebi é que muitas pessoas foram para Três Marias, né? Não porque era uma experiência interessante para todos esses partidos políticos participar. Cada partido político tem uma ideologia diferente, ou alguma organização política com ideologia, mas estava todo mundo lá, em Três Marias.

ROMANELLI: É.

ENTREVISTADORA: Você lembra como que era essa convivência?

ROMANELLI: Olha, é, claro que sua pergunta é mais profunda. É bem profunda pelo seguinte, porque se você considera partido como ideologia, não como... Partido como PMDB, que não tem ideologia, né? Negócio é vantagem pessoal. Cada partido tem sua ideologia. E da ideologia, a tendência é transmitir essa ideologia a outro, né? Ou seja, obter adeptos e houve alguma, algum esforço de algumas ações, por exemplo o PT e o PC, PCB, não é? Partido Comunista. A própria Polop, a AP e tal, de transformar a liga em núcleo deles.

ENTREVISTADORA: Uhum.

ROMANELLI: Mas houve resistência, inclusive da minha parte, porque eu achava se a gente deixasse caminhar para esse lado, eu achava que a coisa ia desunir, diluir, não é?

ENTREVISTADORA: Certo. Certo.

ROMANELLI: Então eu sempre fui contra, digamos assim, à submissão, um chamava, a palavra é meio forte, mas a submissão às ligas a qualquer tipo de mobilização política.

ENTREVISTADORA: Uhum. Certo. E só para fechar aqui, então queria saber da sua parte, a gente poderia falar que na questão de Três Marias, se existisse, existia essa visão de reforma agrária mais ampla ou era uma questão, assim, mais daquelas pessoas terem a posse de terra, ter juridicamente a escritura da posse de terra?

ROMANELLI: Não. Boa, boa pergunta. Por quê? Por que que é boa? Porque a tendência quando se fala (trecho incompreensível), a tendência é partidarizar, partidarizar a reforma agrária. A reforma agrária é do PT, a reforma agrária é do PC do B, não. Lá nós, eu diria o seguinte. A ideia básica era a reforma agrária como meio. Sine qua non do progresso do país. Ou seja, não podia mais, o país não podia suportar, como não suporta hoje, essa ovação de latifúndios improdutivos

e tal. A ideia base era a socialização da terra, não é? Eu usava até uma frase do Carlos Ivo, (trecho incompreensível), eu dizia brincando, né? Que Deus não deu escritura de terra pra ninguém e, portanto, como é que você pode chegar lá atrás, “eu tenho uma escritura”, esquece dessa cidade. Das minhas aulas de direito civil, que eu fui professor durante 22 anos aí na PUC. Eu costumava dizer o seguinte, a forma originária de obtenção da propriedade da terra, chama-se usufruto. Por quê? Porque todas as... Todas os tipos de propriedade começaram com usufruto, ou seja, com a posse. A pessoa vai, toma parte de uma parte da terra, cultiva a terra e da junção da terra com o trabalho humano, se forma então a posse. Não é? A posse daquela terra, que na verdade é a própria terra que tem objetivo natural de produzir bens, tudo que você fazia, tudo que você olha em torno de você, vem da terra. Porque se você olha, por exemplo, para essa máquina, (trecho incompreensível) aquela vez, teve algum planeta que veio aqui e jogou aí, ou um carro? Não, ela veio da terra. Isso aí um dia foi areia, foi o quê?

ENTREVISTADORA: Metal.

ROMANELLI: Foi terra, foi terra, né? Tudo. Nós somos terra, não é? E porque não existe nada fora do planeta que tenha vindo dado pra gente, né? Tudo veio da terra. Que é a nossa mãe. A nossa mãe e ao mesmo tempo o nosso filho, não é? É, e a terra, houve um filósofo... Prudhomme, que teve uma frase muito forte que eu usava para canonizar, e uso até hoje, (trecho incompreensível). A propriedade é um roubo. Porque, se uma pessoa se apropria da propriedade, de certa maneira ele está impedindo que outro, que é o dono do universo, que o outro tenha a propriedade, a posse daquele mesmo lugar. Então Prudhomme chegava a propor, ele estava, o proprietário na verdade está roubando de alguém a possibilidade de ser dono daquilo que era originalmente dono?

ENTREVISTADORA: Então as minhas perguntas eu finalizei aqui. Gostaria de te agradecer. Se você quiser falar mais alguma coisa que você achar relevante.

ROMANELLI: Não. Eu acho que na medida do objetivo e que você propôs, não é? E que eu me dispus, quer dizer, completou. Não tenho mais nada, apenas finalizar desejando que a Comissão da Verdade chegue realmente ao seu, às suas reais finalidades, né? E que possa mostrar para gerações futuras as coisas escabrosas que aconteceram nesse período mau, terrível, que nós fomos obrigados a passar, né? E que, não sei, mas estou preocupado com quem sabe uma outra prova, não a mesma militar, mas a outra prova que, eu acho que o mundo, não o Brasil somente, o Brasil também, mas o mundo está caminhando rapidamente para a direita, né? E isso está me dando muita preocupação. Especificamente o Brasil. Quando eu ouvi o discurso do Senhor



I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

Temer, lá da ONU, eu fiquei realmente muito assustado. As conquistas sociais alcançadas, eu não digo só pelo PT, não, tá? Começaram a (trecho incompreensível) o processo...